



Olga Moraes Sarmiento

(Setúbal, 26/05/1881 – Lisboa, 19/12/1948)

Feminista, monárquica e burguesa

Maria Olga de Moraes Sarmiento nasceu na freguesia de São Julião. A infância foi passada em Elvas e, aos 16 anos, casa com Manuel João da Silveira, médico da Armada, que morre em Angola, em 1904.

É já na condição de viúva que Olga Moraes Sarmiento (da Silveira) escreve um dos textos primordiais do feminismo português, *Problema Feminista*. Este documento resultou da conferência, que realizou em 18 de maio de 1906, na Sociedade de Geografia de Lisboa, quando da fundação da primeira associação feminista portuguesa — a Secção Feminista da Liga Portuguesa da Paz — da qual é uma das iniciadoras e primeira presidente. Esta primeira obra é um dos seus vários textos que demonstram o propósito de despertar a consciência feminista, de defender a igualdade entre géneros e de dar visibilidade à vida de mulheres célebres. As suas obras *A Marquesa de Alorna* (1907), *A Infanta D. Maria e a Corte Portuguesa* (1909) ou *Sa Majesté la Reine Amélie de Portugal: princesse de France* (1924), assim como muitas das conferências que deu em Portugal e no estrangeiro, são razões para que Olga Moraes Sarmiento seja uma das referências da primeira vaga de feministas portuguesas.

Além de escritora e conferencista, Olga também dirigiu a publicação *Sociedade Futura*, criada em 1902 por Ana de Castro Osório, e colaborou na revista *A Arte Musical* (1898-1915).

Sendo monárquica, católica e feminista, convive de perto com a família real e mantém, igualmente, um bom relacionamento com o poder político

republicano. Ainda assim, depois da implantação da República, fixa residência em Paris, onde se liga profundamente ao meio intelectual, artístico e cultural.

É em Paris que conhece a Baronesa Hélène de Zuylen (1863-1947), que será sua companheira durante mais de trinta anos e a quem Olga dedica a sua derradeira obra, *As Minhas Memórias: Tempo Passado, Tempo Ausente* (1948). Durante a II Guerra Mundial estabelecem-se em Lisboa, onde viverão até ao fim dos seus dias.

Ainda em vida, em 1939, doou à Câmara Municipal de Setúbal o recheio da sua casa de Paris, onde se destacam a importante biblioteca, objetos de arte e uma valiosa coleção de autógrafos. Este conjunto constituiu o acervo fundador do Museu de Setúbal/Convento de Jesus. **[AA]**



FONTE: SADO-RECLAME, 1930, AGOSTO.
HEMEROTECA DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
DE SETÚBAL



Óscar Paxeco

(Setúbal, 10/08/1904 – Lisboa, 17/02/1970)

Um jovem nacionalista

Nasceu na rua Serpa Pinto, n.º 20 - 2.º andar, na freguesia de S. Julião, em Setúbal, filho de Joaquim José Pacheco, carpinteiro, e de Deolinda Batista, doméstica, ambos naturais da mesma freguesia; foi-lhe dado o nome completo de Acácio Óscar Batista Paxeco. Era sobrinho de Fran Paxeco, também jornalista e escritor. Destacou-se como jornalista, começando a escrever muito novo no jornal *O Setubalense*, a partir de 1922. Em 1926 dirigiu a revista literária *Cetóbriga*. Foi um dos fundadores do Sindicato Nacional dos Jornalistas.

Ainda na década de vinte, aproxima-se politicamente dos setores nacionalistas e conservadores da cidade. Assume-se como monárquico. Acolhe